

Literatura em meio digital: um olhar sobre os novos perfis literários

Elaine Cristina Carvalho Duarte

Resumo:

Os estudos sobre literatura em meio digital devem abordar não somente a publicação e leitura digitalizada dos gêneros textuais tradicionais, mas sobretudo fazer um levantamento das possibilidades de textos que esse meio proporciona. O presente artigo pretende refletir sobre a publicação e leitura literária na era do texto digital, tendo em vista que a mídia virtual tem influenciado significativamente os hábitos dos escritores e leitores. A partir desse recorte será observada a cibercultura como resultante das publicações literárias e dos novos perfis de textos, autores e leitores, discutindo-se as diferenças escriturais na maneira de construir e ler o texto digital no ciberespaço. Serão enfocados textos de publicação exclusiva na internet, como os de Samir Mesquista e Victor Az, sob a perspectiva das teorias de medialidade, atos de leitura, hibridismo, dentre outras.

Palavras-chave: Internet. Ciberliteratura. Texto digital. Mídia. Literatura digital.

tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo
tudoaomesmotempo

Victor Az

Introdução

O presente artigo tem como intenção de estudo fazer um breve levantamento de algumas possibilidades de textos que o meio digital proporciona, refletindo sobre a publicação e leitura literária na era da internet e do texto digital, visto que a literatura tem sofrido significativa influência da produção textual virtual.

Não há mais como negar a importância das tecnologias na vida do homem contemporâneo. Ela, em todas as suas formas, tornou-se uma extensão do homem. O acesso imediato a informação nos aproximou do mundo e tem nos proporcionado inúmeros benefícios. “Acessar, em tempo real, informações sobre quase tudo que existe no mundo e poder estabelecer contato direto com as fontes de informações, representa uma drástica mudança de paradigma na sociedade humana.” (VILLAÇA, 2006. p.03). Se o mundo ganhou uma nova dimensão, a literatura, que é uma representação do homem, acompanhou essa mudança. A arte se faz com os meios de seu tempo, e nesse sentido as artes midiáticas são a expressão da criação artística atual exprimindo a sensibilidade e o conhecimento do homem do início do terceiro milênio, como afirma Arlindo Machado (2007, p. 10).

Desde que a internet e a digitalização de textos passaram a fazer parte da vida cotidiana das pessoas, o assunto tomou conta de reportagens jornalísticas, livros, publicações acadêmicas e uma série de outros meios. Entretanto há uma lacuna que precisa ser preenchida dentro dessa variedade de textos. Nota-se que, em sua maioria, os artigos tratam de digitalização de obras já existentes e consagradas e não de um novo modo de se fazer literatura utilizando-se dos recursos que a tecnologia oferece.

Percebemos claramente, no entanto, que a ampliação do espaço da ciberliteratura tem esbarrado na mera transferência de obras do papel para a tela, sem que haja a devida consciência dos recursos multimidiáticos e/ou hipertextuais. Ainda há muito a fazer no que tange à criação de textos literários, cuja realização plena só se dá nos multimeios ou na internet. Trata-se de textos pensados exclusivamente para os novos suportes, e não pura e simplesmente transferidos para as telas... (GUIMARÃES, 2005. p.18).

Em um outro viés, o discurso teórico acaba centrado muito mais em dados superficiais, estatísticos e matemáticos, do que em um estudo mais aprofundado sobre a arte e o uso das tecnologias especificamente. Segundo Arlindo Machado as discussões estéticas foram amplamente substituídas “pelo discurso técnico e questões relativas a algoritmos, *hardware*, *software* tomaram grandemente o lugar das ideias criativas, da subversão das normas e da reinvenção da vida.” (MACHADO, 2007. p. 54).

Imagens, sons e letras

Vivemos em um mundo de imagens, ou seria mais correto dizer que vivemos em um mundo de hibridismos, em um mundo de mixologias, como afirma Nizia Villaça (2010). Não há como escapar, para onde quer que se olhe as imagens estão a nos espreitar. A TV, o cinema, a fotografia dos *outdoors*, os vídeos da internet, os celulares, os *palm*s, todos os meios de comunicação de massa nos acenam, a todo instante, e nos lembram que estamos na era das imagens e das mixologias. Para muitos esse é o fim dos tempos, fim da arte, fim da literatura, para outros esse é o início de uma nova era, em que arte e tecnologia se juntam para formar um novo conceito artístico.

Segundo Arlindo Machado (*Op.cit.* p. 24):

... os intelectuais de formação tradicional resistem á tentação de vislumbrar um alcance estético em produtos de massa, fabricados em escala industrial. (...) para esses intelectuais, falar em criatividade ou qualidade estética a propósito da produção midiática só pode ser uma perda de tempo.

Os defensores da artemídia, entretanto, costumam ser menos arrogantes e mais espertos. Eles defendem a ideia de que a demanda comercial e o contexto industrial não necessariamente inviabilizam a criação artística, a menos que identifiquemos a arte como artesanato ou com a aura do objeto único.

Walter Benjamin afirma que na era da reprodutibilidade técnica a arte perde sua aura, pois deixa de ter caráter ritualístico. Por essa razão para muitos é difícil aceitar que a arte do novo milênio assume uma outra forma que não a tradicionalmente conhecida.

Com o texto literário não é diferente. A literatura digital, especialmente a de publicação na internet, sofre com o preconceito da crítica literária. Apesar disso ela é uma realidade e está cada vez mais presente na formação dos novos leitores e escritores. Essa resistência ao novo é gerada pelo medo eterno de que uma nova tecnologia possa matar algo que seja considerado precioso, “frui-se sem criticar aquilo que é convencional; o que é verdadeiramente novo é criticado com repugnância” (BENJAMIN, 2005, p. 244).

O estranhamento gerado pelas publicações literárias na internet tem fundamento quando se toma a leitura como um processo construído pelo hábito e experiência. Leva-se tempo para formar um hábito social e por essa razão torna-se difícil desmistificá-lo. Entretanto a literatura virtual é uma realidade e tem formado costumes, sendo assim merecedora de atenção e pesquisa.

É salutar lembrar que tanto a fotografia como o cinema, já foram vistos um dia com desconfiança pelo público e pelos críticos. Acreditava-se que essas artes eram inferiores à pintura. O mesmo aconteceu com o texto escrito. Em *Fedro* Platão objetou que a escrita, que havia surgido recentemente, iria revolucionar a cultura para pior. “*Of the many learned clichés circulating in the widening gyre of media studies, the most persistent may be the assurance that all the nasty things we can say about computers were already spelled out in Plato’s critique of writing in Phaedrus*”. (WINTHROP-YOUNG, 1986, p. xiii)¹. É da natureza do homem o constante processo de transformação e isso acaba por gerar insegurança, pois o surgimento de algo novo pode significar o desaparecimento de algo já existente. Entretanto nem sempre isso acontece. A criação da fotografia não significou o fim da pintura e é prematuro dizer que a popularização do texto digital significará o fim do texto impresso, ou que o romance tende a desaparecer com o surgimento dos novos gêneros literários criados no ciberespaço. Não cabe aos pesquisadores prever o futuro, mas sim analisar o presente e as mudanças causadas pelas mídias virtuais no mundo literário.

Vilém Flusser (2008, p.15), um dos mais importantes críticos sobre a cibercultura, afirma que estamos vivendo o fim da linearidade textual. A informação que antes chegava até nós via texto escrito, agora nos chega via fotografias, filmes, vídeos, computadores, TV. “Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginativas.”

O mundo digital não é um mundo concreto. Quando desenhamos em um papel, com uma caneta ou quando datilografamos algo em uma máquina de escrever, estamos nos utilizando de tecnologia mecânica e para sabermos como a caneta e a máquina datilográfica funcionam, basta abri-las e observar seu funcionamento. Com a tecnologia digital é muito diferente. O mundo se apresenta a nós em forma de código, mais especificamente o código binário, e só através dele é possível formar imagens e escrever na tela do computador. Esse novo mundo que se apresenta é um mundo totalmente abstrato. Essas imagens técnicas são frutos de *hardwares* e *softwares* que estão em crescente desenvolvimento na sociedade moderna e que tem propiciado o surgimento de novos gêneros literários, como as poesias visuais e as micronarrativas.

Quando as imagens e as palavras saem do papel e são visualizadas em uma tela, a obra poética deixa de ser estática e incorpora o movimento e as sonoridades graças aos recursos de um *software* específico que configura um discurso virtual, eletrônico-digital e, portanto, diferenciado. O hibridismo entre palavra, imagem, som e tecnologia é uma experiência anterior a popularização da internet. Na primeira metade da década de 90, autores como os irmãos Campos, Arnaldo Antunes, Décio Pignatari e Julio Plaza, desenvolveram um trabalho intitulado “Vídeo poesia- Poesia Visual”, que tinha como objetivo incorporar a computação gráfica na criação poética. Segundo Ricardo Araújo (1999, p.16) esse projeto “é o resultado de um esforço conjunto de pesquisadores das áreas de Engenharia Eletrônica, Arquitetura e do grupo de poetas ligados à Poesia Concreta.” Em dois anos foram criados cinco poemas no Laboratório de Sistemas Integráveis da Escola Politécnica da USP. (DUARTE, 2010, p. 59).

Graças à popularização da computação gráfica, atualmente qualquer pessoa é capaz de criar seu próprio poema e publicá-lo na internet em questão de horas. Evidentemente apenas o domínio

¹ Dos muitos clichês que circulam na crescente espiral que são os estudos dos meios, o mais persistente pode ser a certeza de que todas as coisas detestáveis que podemos dizer sobre os computadores já eram enunciadas na crítica que Platão fez sobre a escrita em *Fedro*. (Tradução minha)

da tecnologia “não transforma ninguém em artista ou grande poeta”, como afirma Augusto de Campos (Apud. ARAÚJO, 1999, p.28), porém é inquestionável que, com a facilidade de acesso às novas mídias, o poeta marginal tem encontrado seu espaço, que antes era de domínio exclusivo das editoras.

Friedrich Kittler (1999, p.xxxix) afirma que “Media determine our situation”². São eles quem determinam o imaginário de uma época. Briggs e Burke (2006, p.83) afirmam que não seria um exagero atribuir o sucesso da Reforma de Lutero ao aparecimento da impressão gráfica. Uma vez que seus escritos já haviam sido reproduzidos e quatro mil cópias já haviam sido vendidas, de nada adiantaria se a igreja católica tivesse queimado Lutero sob a acusação de heresia, pois suas ideias continuariam chegando à nação alemã graças à era da “reprodutibilidade técnica”.

A era das tecnologias digitais tem afetado diretamente a literatura contemporânea. A internet tem possibilitado uma interatividade entre leitor e autor. O leitor virtual é disperso e não quer apenas ler, mas também interagir com a obra e se transportar pelos hipertextos tendo a possibilidade de navegar por infinitos textos simultaneamente. Por essa razão os textos virtuais exigem mais agilidade do que os textos impressos, propiciando o surgimento de novos gêneros literários, como as micronarrativas e as poesias visuais. Orozco-Gomez (Apud. DUARTE, 2010, p.59) afirma que “o texto escrito requer uma abstração que faz com que a linguagem escrita, mas especificamente a palavra, passe primeiro pela razão para depois aguçar os sentidos. Ao contrário da linguagem visual que se conecta de forma automática aos sentidos através da visão.” Esse processo acaba por dificultar a leitura de textos extensos pela internet e propicia o surgimento de textos mais concisos e híbridos. Segundo Olinto e Schollhammer (2002, p.16):

A literatura hoje não preserva a ilusão clássica da pureza dos gêneros, nem da romântica da autonomia criadora do espírito, mas encontra-se sempre hibridamente articulada em contato com gêneros não-literários e com meios de comunicação e expressão não-discursivos. Nesse sentido, o hibridismo é hoje o fundamento e a regra para o escritor e não a exceção.

Os textos de Samir Mesquita³ são um exemplo de concisão e hibridismo. Autor de micronarrativas, Mesquita publica seus textos pela internet. No site do escritor é possível encontrar duas obras, “Dois palitos” e “18:30”, ambas de micronarrativas aliadas a imagens interativas. Em “18:30” Samir reproduz um engarrafamento no trânsito. À medida que clicamos com o *mouse* sobre os carros estacionados, os carrinhos aparecem em zoom com o suposto pensamento dos motoristas.

Em “Dois palitos” uma caixinha de fósforo se abre com o movimento do cursor do *mouse*. Ao clicar dentro da caixa, o palito sai da caixinha, risca o fósforo ao mesmo tempo em que um papel aparece com um microconto. Todo esse movimento é acompanhado do som do fósforo sendo riscado e queimando. Quando o fósforo é todo queimado, o papel volta para dentro da caixa possibilitando ao leitor clicar em outro palito, até que a caixa fique completamente vazia.

Os poemas de Victor Az⁴ apresentam uma linha mais vinculada com a dos concretistas. Não é por acaso que seu *site* chama-se “Concretismo”. Ele joga com as palavras e transformam-nas em imagens, porém, utiliza-se de *softwares* para dar movimento ao texto, recurso que os concretista ainda não possuíam. No poema abaixo, postado na sexta-feira, 17 de Fevereiro de 2006, o poeta brinca com os números e escreve um soneto usando o código binário.

² Os meios determinam nossa situação. (Tradução minha).

³ Disponível em <http://www.samirmesquita.com.br/>

⁴ Disponível em www.concretismo.zip.net

0 0 1 0 1 0 1 0 0 1 1 0
1 0 0 1 0 0 1 0 0 0 1 0
0 1 0 1 0 0 1 0 0 0 1 0
0 0 1 0 1 0 1 1 0 1 1 0

1 0 0 1 1 1 1 0 0 1 1 0
0 0 0 0 1 1 0 1 0 0 1 0
0 1 0 0 1 0 0 1 0 0 1 0
1 0 0 0 0 1 0 0 0 1 1 0

1 0 1 0 0 1 0 0 1 1 0 0
0 1 1 0 0 1 0 0 1 0 0 1
1 0 0 0 1 1 1 0 1 1 0 0

0 1 1 0 1 1 1 0 1 0 0 1
1 1 0 0 1 0 0 0 1 1 0 0
1 0 0 1 1 0 1 0 1 0 0 1

Para Flusser o mundo moderno é matemático, as imagens e as letras são matemáticas. Esse fenômeno é reflexo do “universo das imagens técnicas”, que existe a partir do código binário. As letras não são letras, como em uma máquina de escrever, mas são combinações numéricas que decodificadas por um programa de computador tornam-se letras. Brincando com esse conceito o poema acima imita um código binário, como se quisesse mostrar ao leitor a verdadeira linguagem por trás dos textos digitais. Pode-se dizer que é um poema feito para uma máquina, pois essa linguagem só é reconhecida pelas máquinas, que decodificam o código para linguagem humana. Sem um programa que faça a interface entre o código e a linguagem decodificada, o mundo virtual não passaria de uma sequência dos números 0 e 1.

O poema de Elson Fróes, “Chaves de ouro”⁵, trabalha com interação constante do leitor. Para que o texto se complete, e faça sentido, é preciso que o internauta clique sobre as chaves que giram fazendo surgir as letras que completam as palavras. Nota-se que a chave é a “chave” para significar o texto.

O último poema, “Volat Irrevocabile Tempus” - “ O tempo voa irrevogavelmente”- de Erthos Albino de Souza⁶, apresenta um texto baseado apenas no código binário e na imagem. Segundo Ivete Walty (2001, p.90) esse tipo de construção poemática são “signos abertos à decodificação”.

Imagens, sons, gestos, cores, expressões corporais, tornam-se signos abertos à decodificação. Nesse sentido, reitera-se, a recepção desses bens simbólicos pode ser vista como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto. Pode-se, pois, ler o traçado de uma cidade, a moda, o corpo humano em suas várias posturas, um filme, um livro. Colocar imagem e escrita em campos opostos e excludentes é, no mínimo, ingenuidade, já que, mesmo à nossa revelia, tais códigos se encontram em constante interação.

O poema corrobora o conceito de Walty sobre leitura, pois é somente visual, propiciando uma leitura de imagens. Assim como o texto de Az, o de Erthos brinca com o uso de código binário iniciando em uma tela preta com um pequeno cursor verde no canto inferior direito. Em seguida

⁵ Disponível em <http://www.arteria8.net/>

⁶ Idem.

aparecem intercalados na tela os números binários 0 e 1 que dão lugar a figura digital de um mulher que aos poucos vai desaparecendo, trazendo à baila a consciência do texto digital como uma combinação matemática. As combinações de 0, 1 e vazio dão forma ao rosto de uma mulher. O texto nos remete ao conceito de Flusser (2008, p.15) de que “as imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas por pontos.”

Conclusão

Finalizando, é importante refletir criticamente e analisar parte dos conjuntos de expressões textuais que a internet propõe, uma vez que a quantidade de textos da *web* é ilimitada. O mundo virtual tem nos proporcionado novas interfaces literárias, como o entrecruzamento de linguagens e a interatividade textual. Da mesma forma que no passado o mundo da literatura se viu transformado com o advento do texto impresso, o texto digital tem revolucionado as práticas literárias do homem contemporâneo. Os atuais paradigmas textuais tem sofrido modificações significativas com o surgimento do livro digital e da internet. Novas possibilidades de textos se revelam a nós no ciberespaço, influenciando na construção de um leitor com perfil mais ativo frente ao que se lê. Para que a obra faça sentido é preciso a interação direta do leitor, interação que nos tira do mero papel de leitores e nos apresenta como exploradores de um mundo de infinitas navegações.

Referências Bibliográficas

- [1] ARAÚJO, Ricardo. *Poesia visual. Vídeo poesia*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- [2] AZ, Victor. *Concretismo*. Disponível em: www.concretismo.zip.net. Acesso em 26 de maio de 2011.
- [3] BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Teoria da cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 7.ed. São Paulo: Paz e terra, 2005. P. 221-254.
- [4] DUARTE, Elaine C. Carvalho. “Práticas de leitura na era do texto digital”. In: *Interação. Revista de ensino, pesquisa e extensão*. Varginha, v. 12, nº12, 2010. P. 56-61.
- [5] FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta. Ensaio para uma filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2009.
- [6] _____. *Medienkultur*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008.
- [7] _____. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosag Naify, 2007.
- [8] _____. *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
- [9] FROÉS, Elson. “Chaves de ouro”. In: *Artéria 8*. Disponível em <http://www.arteria8.net/>. Acesso em 07 de julho de 2011.
- [10] KITTLER, Friedrich A. *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999.
- [11] LEMOS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4.ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.
- [12] MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- [13] MESQUITA, Samir. *18:30*. Disponível em: <http://www.samirmesquita.com.br/>. Acesso em 09 de junho de 2011.
- [14] _____. *Dois palitos*. Disponível em: <http://www.Samirmesquita.com.br/doispalitos.html>. Acesso em 09 de junho de 2011.
- [15] OLINTO, Heidrun Krieger e SHOLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC RIO; São Paulo: Loyola, 2002.

- [16] OROZCO GOMEZ, Guilherme. "Midia, recepção e educação." In: *Revista Fameco*.. Porto Alegre, n° 6, abril 2005.
- [17] SOUZA, Erthos Albino de. "Volat Irrevocabile Tempus". In: *Artéria 8*. Disponível em <http://www.arteria8.net/>. Acesso em 26 de junho de 2011.
- [18] TORRES, Rui. "Poesia Experimental e Ciberliteratura: por uma literatura marginalizada". In: *Poesia experimental*. Disponível em : <[http:// po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang=>](http://po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang=>) Acesso em 01 de outubro de 2009.
- [19] VILLAÇA, Nizia. *A comunicação e literatura contemporânea; espaços reais e virtuais*. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/02NIZIA.pdf. Acesso em 19 de maio de 2011.
- [20] _____. *Mixologias. Comunicação e o consumo da cultura*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- [21] WALTY, Ivete L. Camargo ET. alii. *Palavra e imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- [22] WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. "Translators' Introduction". In: KITTTLER, Friedrich A. *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999. P. xi-xxxviii.

i DUARTE, Elaine Cristina Carvalho, Doutoranda
Bolsista CAPES
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Universidade de Brasília (UNB)
E-mail: naneduarte@hotmail.com